

O ensino-aprendizagem de Português Língua Estrangeira (PLE): por uma experiência intercultural

Cristiane Oliveira¹

Isabelle Costa²

Jennifer Chaves³

Danúsia Torres dos Santos⁴

RESUMO

O presente trabalho pretende, com base na análise de atividades dos últimos semestres do curso de Português Língua Estrangeira do CLAC — UFRJ, do nível 1 ao nível 4, investigar a importância do ensino-aprendizagem do Português por meio de uma perspectiva intercultural. Pensando em como a interculturalidade influencia no aprendizado em sala de aula, o foco deste artigo está no processo do encontro, ligação e ressignificação dos sentidos obtidos na interação do aprendiz, dando importância à sua autonomia e cooperação. Norteará este trabalho a pesquisa-ação, buscando, por meio da autorreflexão coletiva e da avaliação crítica das práticas selecionadas, a pertinência e a relevância de cada uma para os participantes nelas envolvidos. Esta análise se dará por meio das propostas de Mendes (2011) — que investiga como se dão os modos de se relacionar com a língua nos processos de ensino-aprendizagem no contexto de PLE, levando em consideração o que é advogado

por uma terceira perspectiva: o espaço fronteiriço cultural no ensino-aprendizagem — e por meio da proposta de Hall (2016), que trata do processo de significação da cultura.

- 1 Licenciada em Letras Português-Árabe (UFRJ)
- 2 Bacharelada em Letras Português-Inglês (UFRJ)
- 3 Licencianda em Letras Português-Inglês (UFRJ)
- 4 Docente do Setor de Português Língua Estrangeira (UFRJ)



A revista *Línguas e Ensino* utiliza uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/) (CC-BY-NC).

Palavras-chave: Interculturalidade; Português Língua Estrangeira (PLE); Língua-cultura; Ensino de línguas.

ABSTRACT

The present work aims, based on the analysis of activities developed throughout the last decade in CLAC UFRJ's Portuguese for Foreigners Course, from level I to level IV, to investigate the importance of teaching/learning Portuguese through an intercultural perspective in Portuguese as a Foreign Language (PFL) context. Thinking on how interculturality interferes and influences in the classroom environment, the focus of this article lies on the encounter process, connection and resignification of the meanings obtained in the interaction of the learner, highlighting his or her autonomy and cooperation. This work will be oriented by action-research, aiming, through collective auto reflexion and critical evaluation of the practices selected, the relevance of each one for the participants involved. This analysis will be based on the purposes of Mendes (2011) — who investigates the ways the students relate the process of teaching-learning with language in the context of PFL, taking into consideration what is advocated by Kramsch (1993) and Bhabha (1996, 1998), who discuss towards the creation of a third perspective: the borderer cultural space in the teaching-learning — and, through the purpose of Hall (2016 [2013]), who deals with the process of cultural signification.

Keywords: Interculturality; Portuguese as a foreign language (PFL); Language-culture; Language teaching.

Introdução

Aspectos gramaticais, textuais e discursivos são, de fato, pilares importantes no ensino de línguas. No entanto, apesar de a estrutura ensinada representar um imprescindível ponto de partida para aquele que aprende, a língua precisa, também, e, principalmente no contexto de ensino de línguas estrangeiras, ser aprendida com base em uma perspectiva cultural.

Levando em consideração a abordagem comunicativa no ensino de Português Língua Estrangeira (PLE), e reconhecendo a importância dos diversos mecanismos e aspectos que permeiam o processo de ensino-aprendizagem de uma língua, este artigo tem como objetivo destacar e enfatizar a importância da interculturalidade — que pode ser compreendida como “espaços e processos de encontro-confronto dialógico entre várias culturas, que podem produzir transformações e desconstruir

hierarquias” (Bhabha *apud* Mendes, 2011, p. 143) — no contexto específico do Curso de Português Língua Estrangeira do CLAC (Cursos de Línguas Abertos à Comunidade), um projeto de extensão da Faculdade de Letras da UFRJ.

A linguagem possibilita a interação entre o ser e o mundo, o que permite a existência de uma língua-cultura; de um “fenômeno social e simbólico de construção da realidade que nos cerca” e que “é o modo de construirmos os nossos pensamentos e estruturamos as nossas ações e experiências e as partilharmos com os outros” (Mendes, 2011, p. 141). Os fatores que possibilitarão os contatos linguístico-culturais vão depender, segundo Mendes (2011), da perspectiva adotada sobre língua/ linguagem, da noção de cultura e identidade e dos materiais e abordagens instrucionais; questões que serão determinantes para a formação de “professores culturalmente sensíveis aos sujeitos em interação” (Mendes, 2011, p.139), sujeitos esses que também serão considerados “agentes de interação e coprodução de significados” (Mendes, 2011, p. 155).

Com base nas teorias apresentadas, serão objeto de pesquisa as atividades interculturais realizadas ao longo do Curso de Português Língua Estrangeira do CLAC — UFRJ, do nível 1 ao nível 4, investigando o papel da interculturalidade durante o aprendizado em sala de aula. Serão levados em conta a relação e o encontro das visões de mundo do monitor e do aluno e os sentidos que são recriados a partir dessa interação, destacando a importância da autonomia e da cooperação, que transformam todos os envolvidos em sujeitos responsáveis pelo desenvolvimento e pelo avanço do grupo, como afirma Mendes (2011).

Assumindo essa perspectiva, consideramos o processo de ensino e aprendizagem do português não como um processo em que os sujeitos envolvidos operam papéis de atividade e passividade, mas como um todo em que a assimilação dos conteúdos ensinados e aprendidos depende fortemente do envolvimento do aluno.

Considerando a cultura como um fator intrínseco e impossível de se desvincular da língua, a monitoria de PLE visa a promover encontros, atividades e debates em sala de aula que conduzem o estudante ao aprendizado da língua-alvo ao mesmo tempo em que o faz mergulhar na cultura da comunidade em que está inserido, produzindo material escrito, verbal e multimídia no qual se destacam impressões acerca da cultura sobre a qual se aprende e sobre como sua própria cultura influencia a recepção do ‘novo’, do ‘outro’.

Nesse ponto, há a troca proveniente da interculturalidade aluno-professor e aluno-aluno. Dessas

trocas, surgem questões que dizem respeito à estrutura da língua, a expressões idiomáticas, a hábitos culturais, a questões prosódicas e muitas outras. Os debates que surgem em sala vão colaborando para a construção do conhecimento pelo aluno e munindo o monitor de bagagem para a melhoria de seu desempenho em sala de aula.

Portanto, para analisar os processos envolvidos no ensino de PLE do CLAC, esse trabalho será norteado pelos pressupostos da pesquisa-ação, buscando, por meio da autorreflexão coletiva e da avaliação das práticas selecionadas, a pertinência e a relevância de cada uma para os participantes nelas envolvidos. A análise se apoiará nas propostas de Mendes (2011), que investiga como se dão os modos de se relacionar com a língua nos processos de ensino-aprendizagem no contexto de PLE. Também será levado em consideração o que é advogado por Kramsch (1993) e Bhabha (1998), que discutem a respeito da criação de uma terceira perspectiva: o espaço fronteiriço cultural no ensino-aprendizagem, além da proposta de Hall (2016 [2013]), que trata do processo de significação da cultura.

Língua-cultura

Ao priorizarmos uma abordagem de ensino intercultural no curso de PLE do CLAC, a cultura não mais se apresenta em posição secundária nas práticas de ensino, mas, ao contrário, passa a assumir a centralidade nos contatos interculturais em sala de aula, desfazendo a ideia dicotômica entre língua e cultura e seus respectivos espaços ocupados.

Dessa forma, língua e cultura rompem suas demarcações antes fronteiriças, apresentando-se como contínuos em que não se pode saber onde uma ou outra começa ou termina. Assim, os conceitos de língua/linguagem adotados nas práticas pedagógicas selecionadas pelos monitores, se justificam a partir de concepções teóricas que consideram *língua-cultura* um contínuo.

Segundo Hall (2016 [2013], p. 17), “a linguagem nada mais é do que o meio privilegiado pelo qual ‘damos sentido’ às coisas, onde o significado é produzido e intercambiado”. Sendo assim, ela é um dos instrumentos pelo qual expressamos para o meio nossos posicionamentos com relação ao que pensamos e sentimos como sujeitos culturais.

Portanto, adotaremos, neste artigo, o termo cultura como “tudo que seja característico sobre o ‘modo de vida’ de um povo, de uma comunidade, de uma nação ou de um grupo social. (...) ‘valores compartilhados’ ” (Hall, 2016 [2013], p. 19), que “diz respeito à produção e ao intercâmbio de sentidos

– ‘o compartilhamento de significados’ - entre os membros de um grupo ou sociedade.” (Hall, 2016 [2013], p. 20).

Como sujeitos culturais, atribuímos e compartilhamos significados culturais que irão coordenar as relações sociais nas quais estamos envolvidos, ditando, de certa forma, o nosso comportamento que, conseqüentemente, resultará em “efeitos reais e práticos” (Hall, 2016 [2013], p. 20).

Trazendo essas questões para o ensino de línguas, mais especificamente no ambiente de Português Língua Estrangeira (PLE), essas reflexões reforçam a ideia de que o português desempenha um papel muito maior que um conjunto de códigos dotado de símbolos que será ensinado para estabelecer comunicação. O português “representa a ponte para a construção de relações de proximidade, de respeito e de integração (inter)cultural” (MENDES, 2011, p. 140), uma língua-cultura que

“é em última instância, um conjunto potencial de estruturas, forças e símbolos que assume posições, formas e cores diferentes, a depender dos matizes impressos pelo mundo à sua volta e de sua interpretação por aqueles que interagem através dela.”

Um dos fatores para que esta perspectiva de abordagem seja adotada no ensino de PLE é a necessidade de “ensinar e aprender línguas culturalmente sensíveis aos sujeitos em interação” (MENDES, 2011, p. 140), pensando-a como mediadora dos diferentes referenciais culturais em contato.

Segundo Kramsch (*apud* Mendes, 2011) e Bhabha (*apud* Mendes, 2011), o local de mediação originará um “entrelugar” (Bhabha, 1998), uma espécie de espaço híbrido de negociação que possibilita a criação e ressignificação de signos e identidades, possibilitando, com isso, uma vivência intercultural, o embate, a troca, o encontro, um fluxo dinâmico entre as várias forças que se encontram nesse “outro lugar”.

Dessa maneira, os aprendizes vão se aproximando, aos poucos, da língua-alvo, lançando mão de recursos que tornarão mais confortável e acolhedor o processo de apropriação da nova língua-cultura. Além disso, colocam-se numa perspectiva dupla, por meio dessa “terceira cultura” (Kramsch, 1993) tanto dentro, sob sua visão, quanto fora, na visão do outro, num modo de se fazer atuante pela e através da linguagem.

De acordo com os aspectos discutidos, nessa abordagem, a cultura não é tratada como elemento secundário, veiculada como conjunto de temas separado da totalidade da língua no ensino, mas sim posicionada no mesmo lugar da língua (Almeida Filho, 2002).

No encontro das múltiplas vozes que emergem das diversas vivências culturais na sala de aula, esta se torna um ambiente favorável, no sentido de ser um dos meios que abriga múltiplas perspectivas, confrontos, diálogos, construção e reconstrução. Destaca-se, assim, que, conforme declara Mendes, o ensino-aprendizagem de línguas vai muito além do exercício das formas linguísticas e suas regras, e que “não são os ‘conteúdos culturais’ que asseguram uma situação de diálogo intercultural, mas o modo de agir de professores e alunos, que devem estar voltados para o trabalho conjunto e cooperativo de produção de conhecimento significativo” (Mendes, 2011, p. 147),

Atividades do PLE – CLAC

Atividade de preparação - A empatia em sala de aula

Reconhecer-se como estrangeiro é uma tarefa difícil. Somos todos um pouco estrangeiros quando não mais estamos dentro de nós mesmos, de nossos pensamentos, crenças e convicções. Quando nos abrimos para o mundo, precisamos lidar com o outro, frequentar territórios que conhecemos apenas através de palavras e gestos. Lidar com o próximo é um exercício constante e desgastante, ainda mais quando o próximo não fala nosso idioma, desconhece nossos costumes e não necessariamente está pronto para nos receber.

Esta atividade foi pensada como uma etapa de preparação em sala de aula para uma atividade de final de módulo, conhecida como *Sala Aberta: Conversas Interculturais em PLE*, que será detalhada na próxima seção.

Além de ter auxiliado no trabalho de preparação para a atividade final, a reflexão sobre empatia gerou desdobramentos muito interessantes que, por si só, originaram uma atividade muito mais ampla e rica do que fora planejada. Relatamos, a seguir, o processo, reflexões e questões abordadas na atividade.

O debate sobre *empatia* — exercício de se pôr no lugar do outro e enxergar o mundo através de olhos que não são os seus — em sala de aula, realizado no PLE III, surgiu da necessidade de estreitar relações e de humanizar a mecanicidade que, às vezes, pode se instaurar na relação professor-aluno.

Desse modo, é preciso enxergar os alunos como seres humanos. E, para que as relações sejam construídas de modo simétrico em sala de aula, favorecendo o desenvolvimento da interculturalidade, é preciso que os alunos também percebam seus professores dessa mesma maneira.

A parte 1 da atividade, aplicada no grupo de PLE III, solicitava que os estudantes observassem a seguinte imagem:

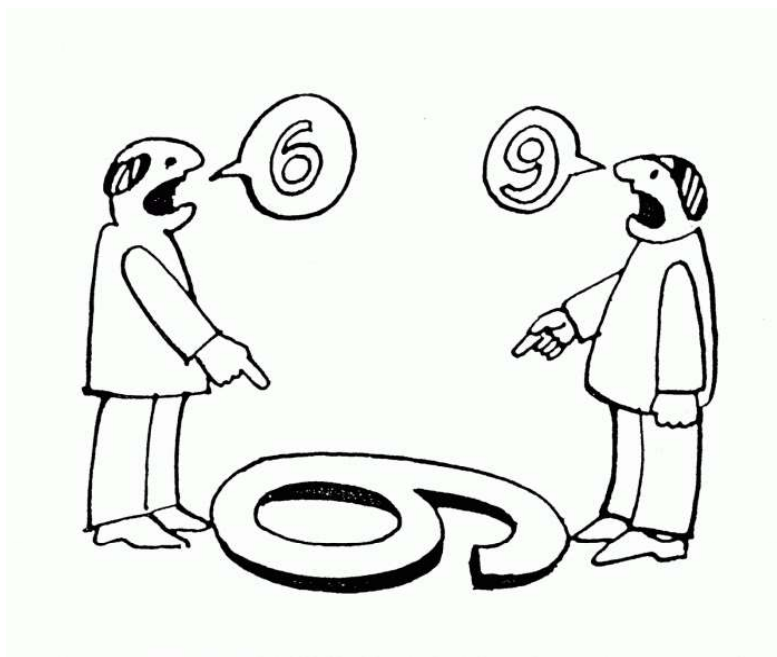


Figura 1: Retirado de: <https://fernandonogueiracosta.wordpress.com/2014/08/11/empatia/> Acessado em: 09 de abril de 2018.

O resultado desse primeiro momento foi produtivo e conduziu à segunda etapa. O esperado era que os alunos identificassem e se expressassem oralmente acerca da questão da *perspectiva*: o fato de algo variar de acordo com a pessoa que o vê, do ponto de vista de quem vê. Essa era uma ponte direta para a questão de como os hábitos, o modo de viver e até mesmo o aprendizado são influenciados pelo contexto cultural em que estamos inseridos, além de ser também uma ponte para a questão de como as diferenças devem ser discutidas, conversadas e pensadas ao invés de ignoradas.

Em seguida, foi distribuído o seguinte texto e os alunos, por ordem de disposição na sala de aula, leram o conteúdo em voz alta:

A **empatia** é a arte de se pôr no lugar do outro e ver o mundo de sua perspectiva. Ela requer um salto da imaginação, de modo que sejamos capazes de olhar pelos olhos dos outros e compreender as crenças, experiências, esperanças e os medos que moldam suas visões do mundo.

Tecnicamente conhecida como “**empatia cognitiva**”, não é uma questão de sentir pena de alguém – isso é comiseração ou piedade –, mas de tentar nos transportar para o personagem e a realidade vivida de outrem. Olhar a vida do ponto de vista do outro não só nos permite reconhecer suas dores ou alegrias, mas pode nos estimular a agir em favor dele. Imaginar como é ser uma pessoa diferente da que somos está no cerne de nossa humanidade.

No entanto, a empatia importa não apenas por nos tornar bons, mas por ser boa para nós. Ela tem o poder de:

1. curar relacionamentos desfeitos,
2. acabar com nossos preconceitos,
3. expandir nossa curiosidade em relação a estranhos, e
4. nos fazer repensar nossas ambições.

Em última análise, a empatia cria os vínculos humanos que tornam a vida digna de ser vivida. Desenvolver nossa empatia é essencial para o bem-estar pessoal. O especialista em **Economia da Felicidade**, Richard Layard, defende “o cultivo deliberado do instinto primitivo da empatia” porque “se você se importa mais com os outros que consigo mesmo, tem maior probabilidade de ser feliz”.

Roman Krznaric, autor do livro *Sobre A Arte De Viver: Lições da História Para Uma Vida Melhor*, adverte que, ao pensar sobre empatia, é importante distingui-la da chamada **Regra de Ouro**: “Faça para os outros o que gostaria que eles fizessem para você”. Isso não é empatia, pois envolve considerar como você gostaria de ser tratado. A **empatia** requer que imaginemos as ideias dos outros e que ajamos em conformidade com elas. “Não faça aos outros o que gostaria que eles lhe fizessem – eles podem ter gostos diferentes do seu.”. Devemos encontrar maneiras de enriquecer e expandir nossos egos empáticos, e enfrentar nossos **déficits pessoais de empatia** (...)

(Retirado de: <https://fernandonogueiracosta.wordpress.com/2014/08/11/empatia/> Acessado em: 09 de abril de 2018)

Na terceira etapa, a leitura comentada favoreceu a construção da interpretação. Os alunos puderam aprender palavras novas, exercitar a compreensão e a capacidade de produção oral e também entraram em contato com um gênero textual genuíno: o artigo publicado em um blog.

A discussão após esse momento — etapa de número quatro dessa atividade — foi extremamente rica. Na sala, estavam presentes alunos sírios, iranianos e colombianos, além da monitora, brasileira, o que proporcionou uma grande troca de experiências, opiniões e situações vivenciadas. Além do mais, parte dos estudantes compartilharam situações em que eles, como estrangeiros, precisaram da empatia do próximo e outras em que precisaram ter empatia para compreender hábitos e costumes do povo brasileiro.

Na quinta e última etapa da atividade sobre *empatia*, foi proposto que, com base na leitura da imagem, do texto e da discussão realizada em sala, os alunos fizessem uma produção escrita.

Assim, com base nas etapas anteriormente citadas, é possível perceber como o foco na interculturalidade corrobora o desenvolvimento da abordagem comunicativa. Ancorada nos

pressupostos teóricos da abordagem comunicativa, a cultura é compreendida como prática social que exige, sem dúvida, o estreitamento entre língua e cultura, vinculando a aprendizagem ao modo de pensar e agir coletivo do outro através da linguagem (Oliveira, 2013).

A partir da atividade com o tema *empatia*, é possível praticar com o aluno a compreensão e produção tanto escrita quanto oral, além da interpretação de texto e da abertura para o lugar de fala. Aprender uma língua pode ser muito mais do que exercícios feitos em sala de aula, transformando-se em um momento para enxergar e ouvir sobre a cultura do outro, como tem sido feito no curso de Português Língua Estrangeira do CLAC.

Sala aberta: Conversas Interculturais em PLE

Salas Abertas são eventos realizados pela Monitoria de PLE do CLAC a cada final de módulo e tem como objetivo não somente promover a interação entre aprendizes dos diversos níveis, mas também, e principalmente, criar uma atmosfera receptiva na qual eles possam utilizar o português para realizarem atividades de produção escrita e oral, fazendo referência a assuntos relacionados às suas próprias culturas.

A seguir, foram selecionadas três atividades apresentadas no evento *Sala Aberta*, discorreremos sobre os temas tratados e como foram trabalhados com base no aporte teórico abordado anteriormente neste artigo.

O evento *Sala Aberta*, que teve como tema “*Da minha Janela...*”, realizado em junho de 2018, tinha como proposição a produção de um trabalho artístico-fotográfico, em conjunto com uma produção escrita e uma apresentação oral. Na atividade, o estudante estrangeiro deveria apresentar uma fotografia da vista da janela de sua casa, em seu país de origem, bem como a de sua casa atual, no Brasil.

Na parte escrita, que serviria como base da apresentação oral, o aluno deveria descrever a visão que tinha de sua antiga janela, comparando-a com a atual. Esse movimento daria abertura para que o aprendiz discorresse sobre as diferenças culturais entre países, sobre os hábitos cotidianos, os costumes de cada nação, levantando uma reflexão sobre esses pontos.

Assim, para Kramsch (*apud* Oliveira, 2013), deve haver um espaço onde o ensino de língua e cultura ocorra em termos de percepção, diálogo, construção e reconstrução dos contextos culturais,

excedendo a apresentação e a comparação entre a língua-alvo e sua própria sistematização cultural.

O evento *Sala Aberta “Festas e festejos pelo mundo”* surgiu com o objetivo de promover um debate, precedido de produções escritas e orais em sala de aula, a respeito de comemorações típicas que faziam parte da vida de aprendizes de diferentes países. Todos os alunos receberam orientação antes do dia da apresentação, de modo que tópicos específicos — como o contexto histórico de cada festividade, o engajamento da população e as músicas tradicionais — deveriam ser abordados. Considerando-se, assim, que

“os diferentes povos concebem a realidade a sua volta de maneira diferente e usam a linguagem para codificar e traduzir essa realidade. A língua, nessa concepção, não é entendida como uma estrutura linguística que determina o pensamento, mas é vista como um processo dinâmico e complexo. Ela é constitutiva e construtiva da realidade social, adaptativa às necessidades sociais dos falantes, que estão inseridos em um contexto regido por normas socioculturais. É esse contexto cultural que implementa, molda e dá forma aos significados codificados nas línguas.” (Oliveira, 2013, p. 103).

No evento *Sala Aberta “Mulheres pelo mundo”*, os alunos deveriam escolher uma personalidade feminina que ocupasse um lugar de destaque na mídia de seu país de origem e falar sobre a mesma, contextualizando sua história, trajetória e sua importância como ser social para aquela comunidade específica, ressaltando as pessoas impactadas por seus trabalhos. Assim, conforme explica Kramsch (*apud* Oliveira, 2013), o uso da língua para o sujeito deve ser uma atividade comunicativa relevante e significativa para o contexto em que vive.

Desse modo, podemos dizer que pensar em uma competência que se pretende comunicativa envolve, então, uma competência cultural, visto que requer a percepção de formas simbólicas estabelecidas e partilhadas pela comunidade linguística e cultural, como afirma Kramsch (*apud* Oliveira, 2013).

Durante a realização das atividades, foram reunidos alunos dos quatro módulos. Cada um, com sua bagagem e nível de aprendizagem, pôde compartilhar um pouco de sua “antiga” realidade, criando um ponto de encontro entre o Brasil e o país de origem, além de uma interconexão entre seus países.

A apresentação sempre é uma das etapas mais marcantes das atividades. O aluno, diante dos colegas da própria turma e das turmas dos outros níveis, destacando características interessantes das duas realidades da qual faz parte, representa uma possibilidade de transformação. Ele pode passar a se perceber não mais exclusivamente como exceção, por ser de uma nacionalidade diferente, mas

como parte de um grupo maior de pessoas que compartilha do mesmo momento de vida, ou seja, o deslocamento para um novo território, o encontro com outro grupo social.

Com isso, constrói-se um novo cenário, que contribui para que o ensino-aprendizagem de PLE não se realize somente em termos estruturais, mas com a valorização da carga cultural que os aprendizes trazem. A consideração de suas vivências é imprescindível para a criação de uma atmosfera favorável para o aprendizado em sala de aula.

Considerações finais

A partir da exposição das reflexões acima, é possível observarmos que o ensino-aprendizagem de PLE do CLAC é norteado pela abordagem intercultural nas práticas comunicativas. Falar de gente, práticas, hábitos, festas e atividades cotidianas de culturas diferentes é uma porta através da qual o aluno pode mergulhar no português, “a nossa língua-cultura brasileira, a qual deve ser capaz de atuar como ponto de partida para a construção de ambientes de mediação cultural, de lugares de negociação e de partilha” (Mendes, 2011, p. 140).

Dessa forma, os alunos se tornam mais do que meramente aprendizes de português, mas também cidadãos empáticos, prontos para desconstruir estereótipos, e não se fixarem em uma visão ‘única’ acerca de seu país e da nova comunidade em que se inserem aos poucos.

Referências bibliográficas

ALMEIDA FILHO, J. C. P. de. Língua além da cultura ou além de cultura, língua? Aspectos do ensino de interculturalidade. In: CUNHA, M. Jandira. SANTOS, Percília (orgs.). *Tópicos em português língua estrangeira*. Brasília-DF: EDUNB, 2002. pp. 210-215.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998. 395 p.

HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. – Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016 [2013]. 260 p.

KRAMSCH, Claire. *Language and culture*. Oxford: Oxford University Press, 1998.

MENDES, Edleise. O português como língua de mediação cultural: por uma formação intercultural de professores e alunos de PLE. In: MENDES, Edleise (org.). *Diálogos Interculturais: ensino e*

formação em português língua estrangeira. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011. pp. 139-158

OLIVEIRA, Bárbara Caroline de; SANTOS, Marcelo Sousa; SOUZA DIAS, Romar. Língua-cultura: teorias e implicações para o ensino de línguas. In: *Revista Metáfora Educacional* - versão on-line, n. 15. Feira de Santana, Bahia (Brasil), dez./2013. pp. 96-109.

SEVERO, Cristine Gorski. O estudo da linguagem em seu contexto social: um diálogo entre Bakhtin e Labov. *Revista DELTA*, v. 25 n.2. São Paulo: PUC-SP, dez./2008. pp. 267-283.